

## O Encontro de marés:

**João Cabral de Melo Neto e Sophia de Mello Breyner Andresen**

**Fernanda Rodrigues Galve\*<sup>1</sup>**

O encontro de marés caudalosas tanto do poeta brasileiro João Cabral quanto da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen foi possível através do tempo e das experiências proporcionadas por meio da palavra escrita e dita. A palavra poética foi o trajeto navegável utilizado pelos dois escritores como forma de provocação e apreensão da realidade.

O trajeto navegável da palavra aproximou João Cabral e Sophia através de seus ideais e vivências em tempos de ditadura. Um bom exemplo desse encontro de marés navegáveis está no livro *Educação pela pedra* (1962-1965) de João Cabral, e um poema intitulado *Elogio da usina e de Sofia de Melo Breiner Andresen*:

*O engenho bangüê (o rolo compressor,  
mais o monjolo, a moela da galinha,  
e muitas moelas e moendas de poetas)  
vai unicamente numa direção: na ida.  
Ele faz quando na ida, ou ao desfazer*

*em bagaço e caldo; ele faz o informe;  
faz-desfaz na direção de moer a cana,  
que aí deixa; e que de mel nos moldes  
madura só, faz-se: no cristal que sabe,  
o do mascavo, cego (de luz e de corte).*

*Sofia vai de ida e de volta (e a usina);  
ela desfaz-faz e faz-refaz mais acima,  
e usando apenas (sem turbinas, vácuos)  
algarves de sol e mar por serpentinas.  
Sofia faz-refaz, e subindo ao cristal,  
em cristais (os dela, de luz marinha).  
( MELO NETO, 1994:339)*

O pesado processo de produção do engenho é comparável à técnica de fabricação dos poemas de Sophia. O poeta João Cabral vê que as palavras da poetisa são compostas das “muitas moelas e moendas de poetas” que moem, processam e produzem possibilidades no

---

\*Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social pela PUC- SP. Pesquisas sobre o tema da História e Literatura. E-mail: <fgalve@ig.com.br>.

ato de desfazer ou fazer sua obra. Desta forma o movimento navegável só de ida é contestado. E “Sofia faz-refaz, e subindo ao cristal,/em cristais...” (MELO NETO, 1994:339) transforma vida em palavras “os dela, de luz marinha”.

Para ambos os poetas a palavra poética procura uma afinidade luminosa com o mundo da experiência e com o seu próprio tempo. As palavras concretas e as imagens ditas por João Cabral tem por finalidade vincular o que é dito a um preciso campo de conhecimentos que o texto vai normatizando de acordo com a dimensão que avança na vida. Como se, por meio da poesia, navegasse o poeta Cabral ao reconquistar a experiência da prática e da história. As imagens sociais contempladas são modos que visam significar o processo dialético da existência que ancora no concreto do que é dito em palavras. Mas as palavras só têm sentido quando integradas aos significados do tempo e da história.

O tempo, mesmo simples, pode ser lembrado pela história. Tempo que passou, correu e se depositou, podendo ser comparado simbolicamente como as ondas do mar. A história e as suas formas lidam com variáveis formas de pensar o tempo e se refletem nas memórias (passado são as lembranças; o presente, as vivências e futuro, as projeções), que, enquanto temporalidades, expandem a construção do discurso que utiliza a história pela lapidação do espaço. Não é de admirar que o poeta João Cabral tenha escrito um poema intitulado, *Habitar o tempo*:

*Para não matar seu tempo, imaginou;  
Vivê-lo enquanto ele ocorre, ao vivo;  
No instante finíssimo em que ocorre,  
Em ponta de agulha e porém acessível;  
Viver seu tempo para ir viver  
Num deserto literal ou de alpendres;  
Em ermos, que não distraiam de viver  
A agulha de um só instante, plenamente.  
Plenamente: vivendo-o de dentro dele;  
Habitá-lo, na agulha de cada instante,  
Em cada agulha instante: e habitar nele  
Tudo o que habitar cede ao habitante.*

*E de volta de ir habitar seu tempo:  
Ele corre vazio, o tal tempo ao vivo;  
E como além de vazio, transparente,  
O instante a habitar passa invisível.  
Portanto: para não matá-lo, matá-lo;  
Matar o tempo, enchendo-o de coisas;  
Em vez do deserto, ir viver nas ruas*

*Onde o enchem e o matam as pessoas;  
Pois como o tempo ocorre transparente  
E só ganha corpo e cor com seu miolo  
(o que não passou do que lhe passou),  
para habitá-lo: só no passado, morto. ( MELO NETO, 1986: )*

O tempo na vida comunicar-se com as noções de ação, organização, domínio, ritmo. Por essa linha tênue, finíssima e cristalina, é que o poeta navega pela a história e a tradição. O tempo é permeado pelo homem que deve habitá-lo. Ao viver, o homem mergulha no tempo habitado e vivo na memória.

Ao viver seu tempo, o homem, trafega por mares conhecidos em busca de novas aventuras e direções. Ou confina-se em seus portos onde a vida apresenta-se em muitos momentos igual e tediosa. Entretanto, é possível mudar, pois este homem é livre em sua imaginação.

Para o poeta João Cabral, em alguns aspectos, as imagens do vivido permitem uma contemplação estética (Brait,2005:103) e ética do tempo na luta contra o cotidiano, muitas vezes, vazio de algumas pessoas. Para criar, escrever e pintar torna-se necessária uma imersão no tempo vivido. Na experiência vivida encontram-se embarcações de sentidos e de história.

Os poetas analisados no artigo mergulham na ponderação crítica e estética da escrita e da vida. São poetas navegantes na vida delineada pelo tempo e pela memória. No entanto, fundamental é perceber que a crítica da realidade, de fato, dada na poesia, não se faz apenas pelos conteúdos, mas pelos modos subjetivos e concretos de construção com que eram nomeados os aspectos do real. Para dizer de outra forma: trata-se de crítica da realidade, operada pela descoberta literária, que navega por uma análise social.

Ao trasladar a história, cria-se a representação, na qual a palavra ocupa um lugar que configura a inclusão do homem no mundo e na sua realidade. A poesia funciona como uma possibilidade de ponderar o homem de forma mimética no mundo. As palavras não apenas apresentam como também tentam transformar o que é transmitido em imagem.

A poesia provoca a maré, transgride e cria a revolução na linguagem, no leitor e na sociedade. O poeta não quer apenas dizer, quer também trazer uma imagem, uma memória e a história. Assim, a palavra poética é a representação do que poderia ser. O poeta apresenta sua versão da tormenta ou da calmaria do mar da vida.

O texto poético ambiciona o real através de imagens criadas pela palavra. O discurso poético mimetiza o real e é dar outro meio para provocar ou entender a história. O poeta trabalha com possibilidades; não prova: prevê, anuncia a vida. A poesia provoca, busca saída através do conhecimento, de memória e da realidade. Nesse sentido, a palavra poética é história se a considerarmos um produto social e uma condição de existência da sociedade. Como Paul Ricoeur define:

*O objeto mimético articula-se com uma temporalidade preexistente, que pode ser renovada indefinidamente pela reconstrução que dela faz o receptor, com sua leitura particular ou uma nova representação produzida por um outro criador, que faz daquela obra o seu objeto – modelo de representação. (RICOEUR, 1997).*

Em decorrência do social no mar da escrita navega realidades e possibilidades de representação da vida. Ao percorrer polifonias de experiências, a palavra tenta transmitir e transgredir a norma. A poesia não quer apenas dizer, ela quer ser o que é dito. O poeta é um ser consciente de seu papel transformador, pois a poesia abala por meio da violação e da revelação do que está ocorrendo na história.

No poema a mimese dos indivíduos é universalizada. Os poemas de Sophia são definidos como “afirmação ontológica e ética da coincidência total entre o simbólico (o lógico) e o real (o lírico). [...] E é o curto-circuito que faz que o real apareça, não como representação estética, mas como alucinação poética, de uma nitidez insuportável.”(COELHO, 1980: 33). As palavras poéticas de Sophia representam a resistência, a denúncia das injustiças e das opressões do governo de Salazar em Portugal. Ela consegue abordar e enfrentar o tempo de tormentas pelas palavras. Um exemplo é o poema “Data”, publicado no *Livro sexto*:

*Data*  
*(à maneira d’Eustache Deschamps)*

*Tempo de solidão e de incerteza*  
*Tempo de medo e tempo de traição*  
*Tempo de injustiça e de vileza*  
*Tempo de negação*  
*Tempo de covardia e tempo de ira*  
*Tempo de mascarada e de mentira*  
*Tempo que mata quem o denuncia*

*Tempo de escravidão  
Tempo dos coniventes sem cadastro  
Tempo de silêncio e de mordaca  
Tempo onde o sangue não tem rasto  
Tempo de ameaça. ( ANDRESEN, 1944:150).*

As universalidades solidão, medo e incerteza presentes nos regimes ditatoriais apresentam o tempo da reflexão. Como apreendido no poema o tempo promove a tormenta da negação, covardia, mentira, silêncio, ameaça e sangue. Não importa a paragem, os regimes ditatoriais geram angústias e revoltas. O tempo das aflições e inquietações elegem o homem como habitante. Esse homem como marujo do tempo e vivente do espaço da análise na qual ele esta inserido.

Nota-se nesse transcurso navegável pelos poemas e vivências de Sophia de Mello Breyner Andresen e João Cabral de Melo Neto que o tempo habitado é sentido em sua amplitude, sensibilidade e rigor com as apreensões da realidade. As palavras poéticas buscam incomodar e provocar o leitor a uma reflexão, que em alguns momentos, é transformadora. A palavra possivelmente incomoda e provoca a reflexão frente à vida. O poema é forjado por aguçada e sensível percepção das coisas e da vida, da habilidade de lidar com as palavras ao descobrir seus efeitos sensoriais e plásticos. A ponderação necessita da observação da vida ao agregar, com suas próprias forças pessoais, a universalidade do tempo social constituído por memórias e escolhas.

O poeta revoluciona a palavra ao apresentar o mundo por novos ângulos. A poesia se absorve do indivíduo e do seu olhar a respeito do mundo. A poesia propõe o conhecimento do múltiplo desejo de construção da história e anseia sua transformação.

A poetisa Sophia imerge em seu tempo histórico na incumbência de apresentar aos portugueses, por meio do seu trabalho, a consciência sobre a repressão do regime ditatorial comandado por Antônio de Oliveira Salazar, de 1933 a 1974. O seu discurso poético apreende a realidade e representa a repressão e as dificuldades sociais transpondo a história de seu tempo presente com a liberdade de sua imaginação. Um dos poemas que exemplifica esse encontro do tempo presente da ditadura é Procelária:

*É vista quando há vento e grande vaga  
Ela faz o ninho no rolar da fúria*

*E voa firme e certa como bala  
As suas asas empresta à tempestade  
Quando os leões do mar rugem nas grutas  
Sobre os abismos passa e vai em frente*

*Ela não busca a rocha o cabo o cais  
Mas faz da insegurança a sua força  
E do risco de morrer seu alimento  
Por isso me parece a imagem justa (ANDRESEN, 1967, p. 53)*

Ao relatar que ave procelária é vista em dia que existirá tempestade não sugere que ela seja responsável pela tormenta. O poema de Sophia Procelária representa o enfrentamento e a resistência que o homem deve possuir frente à vida. Como a vida, a ave procelária, corre o risco de seguir em frente para não submeter-se ao abismo e prisioneira do tempo. Para não ceder ao medo, a procelária escolhe se elevar por sobre o mar em fúria e atenta aos contratempos. A visão que Sophia escreve representa “a imagem justa”, do que ela deseja como sua identidade frente a momento vivido. Esse vôo que passa pelo mar, abismos e tempestades demonstra uma força que surge da insegurança e cria a vontade de viver. É a vontade de ser livre e de ter o poder alçar vôo em qualquer momento climático, tanto de sol quanto de tempestade.

Na procura de um cais a procelária informa a chegada da tempestade como mensageira que informa aos marinheiros uma batalha proeminente e necessária para a sobrevivência. E “Ela não busca a rocha o cabo o cais/Mas faz da insegurança a sua força”. No transcorrer de momentos de ditadura, o homem se assemelha muito a ave que busca força na incerteza e se alimenta de memórias. Deste modo, a batalha pela justiça atinge o instante particular da Ditadura Salazarista, momento experimentado pela poetisa. Em outro poema publicado anteriormente, no livro *Mar novo*, Sophia já havia tratado deste mesmo tema do tempo corrompido pela renúncia da liberdade:

*Este é o tempo  
Da selva mais obscura  
Até o ar azul se tornou grades  
E a luz do sol se tornou impura  
Esta é a noite  
Densa de chacais  
Pesada de amargura  
Este é o tempo em que os homens renunciam.*

(ANDRESEN, 1944:110)

O tempo nos poemas são representados e formados pela conexão entre as diferentes dimensões sociais e políticas. O poema penetra metaforicamente na memória que permite interrogar a experiência. A poeta Sophia se aventura como promotora de ambiguidades da vida que levam reflexão: “Trago o terror e trago a claridade, / E através de todas as presenças / Caminho para a única unidade.” (ANDRESEN, 1944:46) e também: “Na clara paisagem essencial e pobre / Viverei segundo a lei da liberdade / Segundo a lei da exacta eternidade.” (ANDRESEN, 1944:46) A obra de Sophia expõe o tempo e a esperança de um “caminho para” a vida que protesta um futuro livre, mas que não o proporciona “Este é o tempo em que os homens renunciam.”

Com base em sua percepção da ditadura Salazarista como escritora, Sophia compreende e abarca seu momento histórico em palavras metafóricas sua indignação. O discurso poético relata o cerceamento feito pelo um regime de forças, no qual a censura, a falta de informação ameaçavam o diálogo, a liberdade de ponderação. Contudo, não apenas a censura criada pela ditadura de Salazar tolhia a liberdade criativa, mas também o julgamento e o medo das consequências de um ato reprovável pela ditadura. Nesse poema, a poetisa captou a reflexão do tempo da obscuridade e das grades criadas pelos homens que renunciam a liberdade. Essa ação criadora e criativa possibilita a reflexão dos trajetos navegáveis da arte pela realidade limitadora do regime salazarista. Escrever para Sophia é provocar e enfrentar essa situação de forma libertadora. A repreensão, tal como vista em muitas outras ditaduras, não apenas em Portugal, gera questionamentos e reflexões alusivos a agressão, a ao ataque dos pensamentos a tolhida de manifestações contrárias.

As palavras, aqui analisadas nas obras de Sophia, denunciam o abismo proporcionado pelo tempo da opressão e criam possibilidades de liberdade e anseiam a comunicação e uma nova interpretação do social. Deste modo, a história apresenta-se na tormenta no mar das verossimilhanças e o poema representa a resistência e o confronto frente à realidade imposta. A poetisa navega no mar do risco e para não fluir para o abismo ela reflete através da sua escrita a realidade. Esse seu enfrentamento apresenta perigos e construção de imagens de forças presente no viver. A metáfora da tempestade que traz a destruição se contrapõe aos

abismos, as inseguranças e os riscos presentes na vida que vivencia perigos, mas que não é tolhida pela desesperança na procura da liberdade.

Um bom exemplo desta tempestade esta presente nos discursos autoritários em períodos de ditadura. Discursos onde o poder, a superioridade e a vaidade, que são exercidos como ferramenta de manipulação. No poema, *Com Fúria e Raiva* de 1974, a analogia entre autoritarismo e a palavra transformada brota após o fim do regime político, onde Sophia apresenta:

*Com fúria e raiva*

*Com fúria e raiva acuso o demagogo  
E o seu capitalismo das palavras  
Pois é preciso saber que a palavra é sagrada  
Que de longe muito longe um povo a trouxe  
E nela pôs sua alma confiada  
De longe muito longe desde o início  
O homem soube de si pela palavra  
E nomeou a pedra a flor a água  
E tudo emergiu porque ele disse  
Com fúria e raiva acuso o demagogo  
Que se promove à sombra da palavra  
E da palavra faz poder e jogo  
E transforma as palavras em moeda  
Como se fez com o trigo e com a terra (ANDRESEN, 1991: 232)*

Como analisado em seus poemas Sophia procura em sua realidade uma possibilidade de travessia entre os avessos e transitórios espaços de existências. Nota-se que as palavras fúria e raiva vêm do discurso político que emergiu do poder conferido pela ditadura. Onde o poder esta na palavra dita, pronunciada tem valor de nomear, definir e transformar a vida. Esse poder modifica e “E transforma as palavras em moeda /Como se fez com o trigo e com a terra”

Ao poetizar e unir suas palavras ao mundo, Sophia torna sua escrita integrada ao mundo das formas universais, tornando-as uma realidade viva. Isso é possível, pois Sophia mergulha nas relações e sentidos das paisagens, do homem e dos objetos por meio de uma aderência das palavras à história.

Na procura de ancoramento Sophia e João Cabral procuram o equilíbrio constituído por palavras que trazem a tona em seus poemas ao transcurrir o presente contemplado e vivenciado. Como Sophia alude:“O verso é denso, tenso como um arco, exatamente dito,



porque os dias foram densos, tensos como arcos, exatamente vividos [...] e, no quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida”.( ANDRESEN,1991) A poesia e sua relação com o universo sensível, inundado de luz ao emergir da claridade da realidade. Na escrita de Sophia é revelado o fato histórico entre os elementos reais da vida e as palavras e metáforas que dão significados ao mundo.

Enfim, tanto para Sophia e quanto para João Cabral, compreendem a vida como navegar em marés históricas de experiências. Um ir e vir de ausências, permanências, transformações constroem na poesia o mar de possibilidades e de liberdades.

O mundo poético nomeado por palavras tem como portos as experiências individuais ou coletivas como equilíbrio na compreensão da história. Nessa navegação por palavras o poeta, ao recordar e registrar as reminiscências em sua obra, re-significa um passado ativo e elabora instrumentos, estratégias, em uma tentativa de instituir um processo transformador do momento em que vive. Desvela no trajeto as rupturas, as continuidades e simultaneidade em sua vida e na sociedade com a qual interage. A sua escrita é formada por atitudes geradas diante das realidades sociais e históricas vivenciadas.

No encontro, em mares navegáveis, pelas palavras perfiladas, são cravadas as ancoras em rios do tempo. Aqui ambos poetas, também tripulantes, falam do homem e praticam a arte. Vida: não é outra a matéria do poeta. Mudam-se os tempos e os costumes, mas a atividade poética permanece essencialmente o que sempre foi, acumulando-se no conhecimento legado geração após geração, na possibilidade de encontrar o passado no presente, naquele momento privilegiado de descortinar do mundo humano em seu existir mais profundo.

As realidades humanas, ou o mar de vidas visto pelo olhar do homem, constituem o poema, embora este não pudesse atingir a existência, ser evento. Sem que se esqueça, essa forma se instala entre outros discursos do mundo, informada não apenas da experiência da vida individual do poeta, mas da sua familiaridade profunda com as experiências sociais e históricas de cada povo conquistado sobre a sua obra.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

10

## **Referências**

Bibliografias

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Poesia. In: \_\_\_\_\_. *Obra Poética*, v.1, 2 ed., Lisboa: Caminho, 1944.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O Nome das Coisas*. In: \_\_\_\_\_. *Obra Poética*, v.1, 2 ed., Lisboa: Caminho, 1991.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.p, 103.

BRITO, Sandra Beatriz Salanave. *Sinuosos caminhos de abril: três olhares sobre a revolução dos cravos*. Porto Alegre, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - UFRS.

COELHO, Eduardo Prado. Sophia: a lírica e a lógica Revista *Colóquio Letras*. Ensaio, n.57, 1980.

MELO NETO, João Cabral de. *Serial*. In: *Obra Completa*. Editora Nova Aguilar, 1986.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa: volume único*. Organização Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

NAVA, Luis Miguel. *Ensaaios reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

Revista *Colóquio Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º176, Lisboa, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.